

Entrevista

Pedro Soares Presidente da Secção Regional dos Açores da Ordem dos Enfermeiros alerta que a escassez de enfermeiros é generalizada a toda a Região, e que se era importante contratar em 2020 os enfermeiros recém-formados, o que acabou por não acontecer, agora é vital

“A falta de recursos humanos chega a ser gritante em algumas situações”

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianoriental.pt

A Ordem dos Enfermeiros procedeu à inscrição de 80 alunos finalistas dos cursos de Enfermagem da Universidade dos Açores. E já sublinhou a importância de integrar estes recursos humanos no Serviço Regional de Saúde. O Governo Regional criou as condições necessárias para a sua integração? A Região corre o risco de voltar a perder enfermeiros, como aconteceu no ano passado?

Estamos perante um momento-chave para o futuro do Sistema Regional de Saúde. Se em agosto de 2020 era importante contratar os enfermeiros que terminaram o curso e não o fizemos, agora é vital, tanto para reforço imediato nas funções inerentes à pandemia, como nas diversas instituições de saúde, já que uma das coisas que a pandemia colocou a descoberto foi a debilidade do sistema regional de saúde, em especial no que confere à falta de enfermeiros. Temos a informação de que já foi feito pela tutela um levantamento sobre o número de enfermeiros em falta nas diversas ilhas e respetivas instituições públicas. Temos demonstrado a importância destes novos enfermeiros para a Região, reforçando a necessidade de fixar profissionais por todas as ilhas e não só nas duas maiores. O deficit de enfermeiros nas ilhas sem hospital começa a ser um problema significativo e já alertámos para a necessidade de criação urgente de incentivos à fixação. Sem estas medidas, e tendo em conta a

oferta agressiva de vagas que muitos países estão a publicitar nos Açores, corremos o risco de um aumento da emigração de enfermeiros.

Em que unidades de saúde/hospitais são necessários mais enfermeiros? E quantos estão em falta?

A escassez de enfermeiros é hoje generalizada por todo o arquipélago. Neste ano e meio de mandato percorremos todas as ilhas, temos estado no terreno em contacto com enfermeiros, chefias, conselhos de administração, e a falta de recursos humanos chega a ser gritante em algumas situações. Não é possível enumerar apenas uma instituição porque em todas os enfermeiros estão com horários sobrecarregados com turnos extra, turnos de 12 horas sobre 12 horas, muitos não têm férias há mais de 1 ano, outros passam 25

Tendo em conta a oferta agressiva de vagas que muitos países estão a publicitar nos Açores, corremos o risco de um aumento da emigração de enfermeiros.

dias sem folgar, e tudo isto acontece para manter a atuação perante a pandemia e para que o restante atendimento à nossa população se mantenha. Este é o reflexo do desinvestimento numa contratação efetiva de enfermeiros.

Qual o rácio atual de enfermeiros face à população atual e qual devia ser?

O cálculo do rácio de enfermeiros por mil habitantes nos Açores é um pouco mais complexo do que a nível nacional. Dada a nossa realidade arquipelágica, esse valor tem de ser calculado ilha a ilha e nunca poderá ser dado um valor único à região. Mesmo assim, os rácios variam entre os 5,4 e os 11,3 enfermeiros por mil habitantes, com necessidade de correção devido aos novos dados do Censos 21, sendo que a média na Europa é 8,4 e em Portugal Continental é de 6,3. Até ao final deste ano contamos ter um cálculo exaustivo relativamente aos rácios, mas principalmente focado nas dotações das nossas instituições. Ao analisar apenas os rácios num panorama como o dos Açores, não estaríamos a salvaguardar que haja uma boa distribuição e o efetivo cumprimento das dotações seguras.

O processo de vacinação e a necessidade de testagem, em especial em algumas ilhas, tem colocado pressão sobre os enfermeiros. Tem referido por diversas vezes estar preocupado com o cansaço destes profissionais. Até que ponto não estará em causa a segurança dos cuidados, uma vez que os enfermeiros continuam a dar reposta noutras áreas?

Pedro Soares está também preocupado com o cansaço das equipas de enfermagem que têm estado sob pressão na testagem e vacinação, e que isso leve ao erro

A minha preocupação passa por isso mesmo, o cansaço ligado ao potencial erro. Estamos a falar de equipas que estão desde o início sob vários tipos de pressão, tanto a nível da exigência das funções, como todo o cansaço físico e mental. Ainda hoje uma colega me dizia que o facto de não saber quando é que isto vai acabar ainda lhe provoca mais cansaço. É isto que eu gostava que a nossa população percebesse, que os enfermeiros que, em março, se colocaram na única linha entre ela e o vírus, são praticamente os mesmos passado este tempo, com a agravante de terem ainda mais funções, nomeadamente a vacinação. E depois há tudo o resto, o chamado não Covid, mas de uma coisa tenho a certeza, o profissionalismo, a resiliência e o sentido de responsabilidade são valores que os enfermeiros açorianos transportam consigo todos os dias.

Como devem ou estão a ser compensados estes profissionais pelo seu esforço?

Depois de muitos anos a aguardar justiça em relação a diversas questões laborais, o recente acordo entre a tutela e os sindicatos cria um sentimento de reconhecimento, sendo que ficam ainda em cima da mesa algumas questões que creio serão resolvidas a seu tempo, para que não se criem assimetrias como no passado. Os enfermeiros açorianos fazem o seu trabalho todos os dias de forma exemplar, aqui-



Estamos a falar de equipas que estão desde o início sob vários tipos de pressão, tanto a nível da exigência das funções, como todo o cansaço físico e mental.

lo que querem é que lhes seja dado o que a eles é devido há muito tempo. É curioso que a classe que ainda há algum tempo era designada pelo governo central como selvagem, é a mesma classe que hoje, com a colaboração dos restantes profissionais de saúde, segura um país, uma região.

A Ordem dos Enfermeiros identificou mais de duas centenas de enfermeiros dispostos a reforçar as equipas de vacinação/testagem, mas o que tem sido público é a utilização de um número reduzido de profissionais da Bolsa. A que se deve isto?

É preciso notar que os enfermeiros que se inscreveram na Bolsa estão todos em funções em diversas instituições. Ao inscreverem-se estavam a disponibilizar-se, para além do seu horário, para dar mais um pouco. Depois, por questões já justificadas pela tutela, a autorização para pagamento destes serviços demorou e só há pouco tempo começaram a contactar esses enfermeiros. A informação que temos é que, por exemplo, na Terceira há dias em que no centro de vacinação quase meta-

de da equipa é da bolsa, em São Miguel também já está o processo em andamento para incluir um número considerável desses enfermeiros. Não consigo é perceber porque razão a certa altura a Bolsa era assunto político, inclusive discutido em comissões e parlamento. Mais premente seria discutir o porquê de em agosto de 2020 não se ter reforçado o SRS com os novos enfermeiros, conforme alertámos. Agora não dependeríamos de uma bolsa de apoio.

Qual o balanço que a Ordem dos Enfermeiros faz do processo de vacinação nas ilhas com mais população? Acrescenta que a meta da imunidade de grupo será atingida ainda este mês?

O balanço é extremamente positivo, e julgo que a estratégia de vacinar rapidamente as ilhas sem Hospital, com recursos ainda mais limitados, fez todo o sentido, até porque a vacinação nas ilhas com mais população nunca baixou durante essa operação. O tempo era e é de serenidade, mas a certa altura criou-se a ilusão de que estas ilhas ditas maiores tinham uma menor taxa de vacinação diária e jogou-se com a estatística. Na realidade, as ilhas com um valor absoluto de população muito maior, nunca poderiam estar ao mesmo nível que as ilhas mais pequenas, porque vacinar uma pessoa em São Jorge tem um “peso” estatístico diferenciado de vacinar uma em São Miguel. Conseguiu-se nestas ilhas mais populosas criar bons centros de vacinação como é exemplo o das Portas do Mar, com condições de qualidade e eficácia ao mais alto nível. Quanto à imunidade de grupo, receio que

“Não podemos continuar com 1 enfermeiro para 160 utentes numa noite, que no fim do mês recebe um salário abaixo do primeiro escalão dos colegas de outras instituições.”

com as mais recentes informações sobre recusas, assim como impossibilidade de contactar algumas pessoas, possa haver alguma dificuldade, mas estamos todos a fazer os esforços possíveis para atingir essa meta.

O que explica a recusa da vacina contra a Covid-19? Até que ponto não estará a estratégia de contacto com os utentes a contribuir para a taxa de recusa em algumas ilhas, uma vez que esta inclui os utentes com os quais não se conseguiu contactar?

Só posso ver essa recusa como resultado da iliteracia em saúde que existe nos Açores, o que me preocupa sobremaneira visto que estamos numa fase em que a população contactada se encontra fundamentalmente numa idade com acesso fácil à informação. Sobre a estratégia de contacto, tenho a informação que houve uma readaptação em alguns casos da metodologia de contactos, nomeadamente o alargamento do horário até mais tarde, o que penso irá permitir encontrar as pessoas em casa. Outro problema ainda são os processos de utentes com contactos desatualizados. Em todo o caso, considero que deverá ser feita a separação entre os não-contactáveis e as recusas.

O que dizer a quem ainda se mostra cético à vantagem de se vacinar contra a Covid-19? É necessária uma campanha de proximidade junto das populações?

Como referi, temos um grave problema de iliteracia em saúde nas nossas ilhas, e o que me preocupa ainda mais é isso estar a acontecer também na população jovem. Neste momento temos dados que comparam as designadas segunda e quarta vagas, que revelam que de uma para outra aumentou consideravelmente a taxa de população vacinada e o resultado é a diminuição nos internamentos, logo efetivamente a vacina é eficaz no sentido de diminuir a gravidade dos efeitos. Para além disso, dados empíricos dos colegas dos serviços de urgência nos Açores indicam que uma grande parte dos utentes com Covid-19 e vacinação têm sintomatologia leve a moderada. Julgo que nesta fase o trabalho dos enfermeiros nas comunidades poderá ser uma mais-valia, com uma promoção quase porta a porta.

A prestação de cuidados de enfermagem nas unidades de saúde de ilha retomou alguma normalidade?

Os cuidados de enfermagem a nível das diversas unidades de saúde de ilha foram pontualmente afetados devido à necessidade de se acudir às testagens e à vacinação com os mesmos enfermeiros que realizam toda a restante atividade. Atualmente verifica-se algum condicionamento, essencialmente em São Miguel e na Terceira, devido à necessidade de se continuar a alocar os recursos humanos para as atividades Covid, no entanto tem havido um esforço enorme para minorar esses constrangimentos. No que concerne às ilhas sem hospital há já um regresso a alguma normalidade.

E nos hospitais?

Nos hospitais houve uma reorganização e readaptação dos espaços e dos horários para responder às exigências das medidas de proteção de doentes e profissionais, e também se tenta da melhor forma recuperar muita da atividade suspensa.

Em que ponto está a implementação do Enfermeiro de Família e o que trará de novo em relação ao modelo que já está implementado, de unidade de saúde familiar?

Neste momento aguardamos uma reunião com o secretário da Saúde e Desporto e os peritos dos sindicatos onde iremos escutar as suas opiniões, tendo sempre em conta que esta é uma matéria exclusiva das funções inerentes à Ordem dos Enfermeiros, reunião esta que deverá acontecer em setembro. A principal inovação é que agora efetivamente fica descrita e legislada a função do Enfermeiro de Família e toda a articulação com os restantes profissionais de saúde. Aquilo que acontecia até agora era um total desaproveitamento das potencialidades da Enfermagem de Família.

Que outras inovações gostaria de ver concretizadas no SRS?

É fundamental uma revisão das Emergências pré-hospitalares nos Açores, a criação de incentivos à fixação de Enfermeiros nas ilhas mais pequenas e o fim efetivo do Estagiar L para os Enfermeiros.

O que falta fazer pelos enfermeiros que estão nas IPSS e nas Misericórdias?

Muita coisa, e por isso mesmo iremos renovar um protocolo com a Vice-Presidência do Governo no sentido de continuarmos a visitar todos os lares da região e, para além de fazer um levantamento do estado dos cuidados de Enfermagem, intervir no que for necessário. Para além disso, ou o acordo coletivo de trabalho destes colegas é revisto com urgência ou estaremos perante um problema que já começa a notar-se, que é a saída dos enfermeiros para outras Instituições que oferecem condições dignas. Não podemos continuar com 1 enfermeiro para 160 utentes numa noite, que no fim do mês recebe um salário abaixo do primeiro escalão dos colegas de outras instituições. É, portanto, fundamental melhorar estas condições ou estas instituições correm o risco de ter equipas de Enfermagem abaixo do preconizado por lei. *